guerra, dos importantes serviços de comunicações que àquelas unidades estavam entregues; e

Considerando, por último, que não devem perder-se as honrosas tradições que, durante a guerra de 1914-1916, em África e França, aquelas tropas de engenharia conquistaram com abnegação e valor;

Usando da autorização concedida pela lei n.º 1:775, de 30 de Abril último:

Hei por bem decretar, sob proposta do Ministro da Guerra, o seguinte:

Artigo 1.º São extintos os batalhões de sapadores de caminhos de ferro e de telegrafistas de campanha.

Art. 2.º São criados imediatamente em substituição destas unidades:

a) Um batalhão de caminhos de ferro, composto de sete companhias;

b) Um batalhão de telegrafistas, composto de quatro companhias;

c) O serviço radiotelegráfico militar, adstrito ao batalhão de telegrafistas.

Art. 3.º As 1.ª, 2.ª, 3.ª e 4.ª companhias do batalhão de caminhos de ferro serão de construção, a 5.ª companhia será de pontes pesadas, a 6.ª companhia será de exploração (composta de quatro secções com organização independente), e a 7.ª companhia será de parque o compreenderá, além do pessoal do estado maior e menor do batalhão, todos os condutores e mais pessoal destinado a mobilização do respectivo parque.

Art. 4.º Em tempo de paz, as companhias do batalhão de caminhos de ferro poderão ser agrupadas segundo as conveniências do serviço ou de aquartelamento.

Art. 5.º A 1.ª e 2.ª companhias do batalhão de telegrafistas será de telegrafia por fios e constituídas respectivamente pelas secções de telegrafia por fios de campanha n.ºs 1 a 5 e 6 a 10; a 3.ª companhia será de telegrafia sem fios e a 4.ª companhia de condutores.

Art. 6.º Anualmente praças escolhidas de telegrafia por fios irão praticar nas estações centrais civis de Lisboa e Porto por períodos nunca inferiores a trinta dias.

Art. 7.º Os batalhões de caminhos de ferro e de telegrafistas terão respectivamente adstritas uma companhia de caminhos de ferro de reserva e uma companhia de telegrafistas de reserva, cujos serviços ficam a cargo respectivamente daquele batalhão nos precisos termos do decreto n.º 9.676, de 13 de Maio de 1924.

Art. 8.º Os efectivos dos batalhões de caminhos de ferro e de telegrafistas e do serviço radiotelegráfico militar serão os que constam dos quadros anexos.

Art. 9.º O pessoal dos extintos batalhões de sapadores de caminhos de ferro e de telegrafistas de campanha será distribuído respectivamente pelas diversas companhias dos novos batalhões.

Art. 10.º Todas as determinações referentes a assuntos quer de ordem administrativa, quer de instrução e preparação para a guerra, relativas ao pessoal e material dos serviços a cargo dos extintos batalhões de sapadores de caminhos de ferro e de telegrafistas de campanha continuam a ser aplicáveis respectivamente aos batalhões de caminhos de ferro e de telegrafistas.

Art. 11.º As verbas inscritas no orçamento de despesa para o batalhão de sapadores de caminhos de ferro e batalhão de telegrafistas de campanha passam a ser destinadas respectivamente aos batalhões de caminhos de ferro e de telegrafistas.

Art. 12.º Fica revogado o disposto no decreto n.º 10:706, de 20 de Abril último, e toda a legislação em contrário.

O Presidente do Ministério e Ministro das Finanças e os Ministros das demais Repartições assim o tenham entendido e façam executar. Paços do Governo da República, 11 de Maio de 1925.—MANUEL TEIXEIRA GO-

MES — Vitorino Máximo de Carvalho Guimarães — Vitorino Henriques Godinho — Adolfo Augusto de Oliveira Coutinho — António Nogueira Mimoso Guerra — Fernando Augusto Pereira da Silva — Joaquim Pedro Martins — Frederico António Ferreira de Simas — Henrique Monteiro Correia da Silva — Rodolfo Xavier da Silva — Angelo de Sá Couto da Cunha Sampaio Maia — Francisco Coelho do Amaral Reis.

QUADRO N.º 1

Estado maior e menor do batalhão

(Adstrito à companhia de parque)

	Homens	Cavalos
Comandante (tenente coronel ou major de engenharia)	1	1
Segundo comandante (major de engenharia)	1	1
Ajudante (capitão ou tenente de engenharia)	1	1
Adjunto (capitão ou tenente de engenharia)	1	1
Médicos (capitão ou subalterno)	2	-
Tesoureiro (capitão ou subalterno do G. A. M.)	1	1
Veterinário (capitão ou subalterno)	1	1
Provisor (capitão ou subalterno)	1	1
Oficial do Q. A. E.	1	-
Chefe de música	1	-
Oficiais	11	7
Sargentos ajudantes	2	2
Mestres ou contramestres de clarins	1	-
Sargentos ferradores	1	1
Sargento seleiro-correeiro	1	-
Sargento serralheiro espingardeiro	1	-
Sub chefe de música	1	-
Músicos de 1.ª classe	3	-
Músicos de 2.ª classe	4	-
Músicos de 3.ª classe	8	-
Aprendizes de música	8	-
Praças	30	3

Total — Estado maior e menor do batalhão: 11 oficiais, 30 praças e 10 cavalos.

QUADRO N.º 2

Uma companhia de construção

(Quadro permanente)

1.ª, 2.ª, 3.ª e 4.ª companhias

	Homens	Cavalos
Comandante (capitão)	1	1
Subalternos	2	2
Subalternos do Q. A. E.	1	1
Oficiais	4	4
Primeiro sargento	1	1
Segundos sargentos	4	-
Segundos sargentos chefes de assentadores	2	-
Segundo sargento montado	1	1
Primeiros cabos	4	-
Primeiros cabos assentadores	4	-
Primeiros cabos condutores	2	2
Clarins	2	-
Segundo cabos assentadores	4	-
Ferrador	1	-
Praças	25	4

Total — Uma companhia de construção: 4 oficiais, 25 praças, 8 cavalos; soldados e muarses os que o orçamento autorizar.

QUADRO N.º 3

Uma companhia de pontes pesadas

(Quadro permanente)

5.ª Companhia

	Ho- mens	Cava- los
Comandante (capitão)	1	1
Subalternos	2	2
<i>Oficiais</i>	3	3
Primeiro sargento	1	1
Segundos sargentos	4	-
Segundos sargentos artífices	2	-
Primeiros cabos	6	-
Cabos e soldados artífices	8	-
Clarins	2	-
<i>Praças</i>	23	1

Total — A 5.ª companhia: 3 oficiais, 23 praças, 4 cavalos. Soldados e muareos os que o orçamento autorizar.

QUADRO N.º 4

Uma companhia de exploração

(Quadro permanente)

6.ª Companhia

	Ho- mens	Cava- los
I — Uma secção (a)		
Comandante (capitão ou tenente)	1	1
Subalternos	2	2
<i>Oficiais</i>	3	3
Primeiro sargento	1	1
Segundos sargentos	4	-
Segundos sargentos chefes de secção	2	-
Segundos sargentos maquinistas	2	-
Segundos sargentos artífices	2	-
Primeiros cabos	4	-
Primeiros cabos maquinistas	4	-
Primeiros cabos factores	4	-
Primeiros cabos manobreiros	2	-
Clarins	1	-
Segundos cabos fogueiros	6	-
Cabos e soldados artífices	6	-
<i>Praças</i>	38	1
II — A companhia		
4 secções	164	16

Total — Uma companhia de exploração: 12 oficiais, 162 praças, 16 cavalos; soldados e muareos os que o orçamento autorizar.

(a) As diversas secções têm organização independente como se fôsssem companhias distintas.

QUADRO N.º 5

Uma companhia de parque

7.ª Companhia

	Ho- mens	Cava- los
Comandante (capitão)	1	1
Subalternos	1	1
Subalternos do Q. A. E.	1	1
<i>Oficiais</i>	3	3
Primeiro sargento	1	1
Segundos sargentos	4	-
Segundos sargentos artífices	4	-
Segundos sargentos montados	2	2
Primeiros cabos	6	-
Primeiros cabos condutores	2	2
Clarins	2	2
Ferrador	1	1
Artífices (cabos ou soldados)	12	-
<i>Chaufeurs</i> (cabos ou soldados)	12	-
<i>Praças</i>	46	8

Total — Uma companhia de parque: 3 oficiais, 46 praças, 11 cavalos; soldados e muareos os que o orçamento autorizar.

QUADRO N.º 6

Parque do batalhão

	Viam- ras
Automóveis ligeiros para condução do pessoal	1
Moto com <i>side-car</i>	2
<i>Box-cars</i>	4
Camións	8
Camión oficina	1
Carros de esquadrão	16
<i>Soma</i>	32

QUADRO N.º 7

Batalhão de telegrafistas

(Quadros permanentes)

Estado maior e menor do batalhão

	Ho- mens	Cava- los
Comandante (tenente coronel ou major)	1	1
Segundo comandante (idem)	1	1
Ajudante (tenente)	1	1
Médico (capitão ou subalterno)	1	1
Veterinário (capitão ou subalterno)	1	1
Tesoureiro, oficial da administração militar (capitão ou subalterno)¹	1	1
Secretário (subalterno do S. A. M.)	1	1
<i>Oficiais</i>	7	7
Sargento ajudante	1	1
Sargento (vaguemestre)	1	1
Mestre ou contramestre de clarins	1	1
Sargento ferrador	1	1
Serralheiro-ferreiro	1	-
Selheiro-correio	1	-
Carpinteiro de carros	1	-
Primeiros cabos	3	-
<i>Praças</i>	10	4

Total — 7 oficiais, 10 praças e 11 cavalos.

QUADRO N.º 8

Companhias	1.ª companhia T. P. F.		2.ª companhia T. P. F.		3.ª companhia T. P. F.		4.ª companhia condutores		O batalhão	
	Homens	Cavalos	Homens	Cavalos	Homens	Cavalos	Homens	Cavalos	Homens	Cavalos
Capitães	1	1	1	1	1	1	-	-	3	3
Tenentes	5	5	5	5	5	5	-	-	15	15
Subalternos do Q. A. E.	1	1	1	1	1	1	-	-	3	3
Oficiais	7	7	7	7	7	7	-	-	21	21
Primeiros sargentos	1	1	1	1	1	1	-	-	3	3
Primeiros sargentos radiotelegrafistas	-	-	-	-	6	-	-	-	6	-
Segundos sargentos	6	2	6	2	-	-	-	-	12	4
Segundos sargentos radiotelegrafistas	-	-	-	-	18	-	-	-	18	-
Primeiros cabos	6	-	6	-	24	-	-	-	36	-
Primeiros cabos artifices	2	-	2	-	1	-	-	-	5	-
Clarins	1	1	1	1	1	1	-	-	3	3
Praças	16	4	16	4	51	2	-	-	83	10
Companhia de condutores										
Oficiais do Q. A. E.	-	-	-	-	-	-	2	2	2	2
Oficiais	-	-	-	-	-	-	2	2	2	2
Primeiros sargentos	-	-	-	-	-	-	1	1	1	1
Segundos sargentos	-	-	-	-	-	-	2	2	2	2
Primeiros cabos	-	-	-	-	-	-	3	3	3	3
Primeiros cabos ferradores	-	-	-	-	-	-	2	2	2	2
Praças	-	-	-	-	-	-	8	8	8	8
Total	23	11	23	11	58	9	10	10	114	41

QUADRO N.º 9

Serviço radiotelegráfico militar

	Homens	Cavalos
Director — o comandante do B. T.	-	-
Adjunto — capitão de engenharia	1	1
Chefes de secção — o comandante e subalternos de engenharia da 3.ª companhia do B. T.	-	-
Chefe do depósito de material de T. S. F. — subalterno do Q. A. E.	1	-
Sargentos radiotelegrafistas — os da 3.ª companhia do B. T.	-	-
Total	2	1

Paços do Governo da República, 11 de Maio de 1925.— O Ministro da Guerra, *António Nogueira Mimoso Guerra*.

MINISTÉRIO DA MARINHA

Direcção Geral da Marinha

Direcção da Marinha Mercante

1.ª Repartição

3.ª Secção

Rectificação

No artigo 20.º de decreto n.º 9:704, de 21 de Maio de 1924, publicado no *Diário do Governo* n.º 112, 1.ª

série, da mesma data, onde se lê: «As multas a aplicar por transgressão de todos os regulamentos marítimos ou de pesca», leia-se: «As multas a aplicar por transgressão de todas as leis e regulamentos marítimos ou de pesca».

Direcção Geral de Marinha, 3 de Junho de 1925.— Pelo Director Geral, *Isidoro Pereira Leite*, capitão de mar e guerra.

MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS

Direcção Geral dos Negócios Comerciais e Consulares

1.ª Repartição

Por ordem superior se faz público que o Governo da República Francesa notificou à Legação de Portugal em Paris que a República da Polónia aderiu à Convenção Internacional assinada em Sèvres a 6 de Outubro de 1921, modificando a Convenção assinada em Paris a 20 de Maio de 1875, que criou uma Repartição Internacional de Pesos e Medidas.

Direcção Geral dos Negócios Comerciais e Consulares, 1 de Junho de 1925.— O Director Geral, *A. de Oliveira Soares*.

MINISTÉRIO DO COMÉRCIO E COMUNICAÇÕES

Administração Geral das Estradas e Turismo

Repartição de Expediente Geral e Contabilidade

Decreto n.º 10:833

Considerando que no concurso ultimamente aberto para o provimento das vagas existentes de apontadores de 1.ª classe do quadro do pessoal auxiliar de obras públicas privativo da Administração Geral das Estradas e Turismo concorreu um deminuto número de apontadores de 2.ª classe;

Convindo estabelecer condições de admissão ao novo concurso que vai ser aberto, de forma a facilitar o preenchimento de vagas ainda existentes;

Usando da faculdade que me confere o n.º 3.º do artigo 47.º da Constituição Política da República Portuguesa, e em conformidade com o disposto nos artigos 4.º do decreto n.º 10:100, de 17 de Setembro de 1924, e 110.º do decreto n.º 10:214, de 3 de Novembro de 1924;

Hei por bem, sob proposta do Ministro do Comércio e Comunicações, decretar o seguinte:

Artigo 1.º O provimento das vagas de apontadores de 1.ª classe da Administração Geral das Estradas e Turismo, a que se refere o artigo 4.º do decreto n.º 10:100, de 17 de Setembro de 1924, será feito por meio de concurso aberto nos termos do regulamento aprovado pelo decreto n.º 10:260, de 6 de Novembro último, podendo, porém, a ele concorrer os apontadores de 2.ª classe de qualquer das Administrações Gerais, das Estradas e Turismo, dos Edifícios e Monumentos Nacionais e dos Serviços Hidráulicos, com bom comportamento, que tenham, pelo menos, um ano de bom e efectivo serviço, quer nesta categoria, quer na de jornaleiros classificados nos termos da lei n.º 50, de 15 de Julho de 1913.

Art. 2.º As vagas existentes e as que se derem até 31 de Dezembro de 1925 serão preenchidas alternadamente pelos apontadores de 2.ª classe do quadro auxiliar dos serviços de obras públicas privativo da Administração

Geral das Estradas e Turismo, por ordem de antiguidade, e pelos candidatos considerados como admitidos, pela ordem de classificação obtida, que será publicada no *Diário do Governo*.

Art. 3.º Fica revogada a legislação em contrário.

O Ministro do Comércio e Comunicações assim o tenha entendido e faça executar. Paços do Governo da República, 5 de Junho de 1925.— MANUEL TEIXEIRA GOMES — *Frederico António Ferreira de Simas*.

Decreto n.º 10:834

Usando da faculdade que me confere o n.º 3.º do artigo 47.º da Constituição Política da República Portuguesa, e em conformidade com o disposto nos artigos 4.º do decreto n.º 10:100, de 17 de Setembro de 1924, e 111.º do decreto n.º 10 244, de 3 de Novembro de 1924: hei por bem, sob proposta do Ministro do Comércio e Comunicações, decretar o seguinte:

Artigo 1.º O provimento das vagas de chefes de conservação de 2.ª classe da Administração Geral das Estradas e Turismo, a que se refere o § único do artigo 4.º do decreto n.º 10:100, de 17 de Setembro de 1924, será feito por meio de concurso, aberto nos termos do regulamento aprovado pelo decreto n.º 10:645, de 26 de Março último, podendo, porém, a ele concorrer, além dos apontadores de 1.ª classe do quadro auxiliar de obras públicas privativo da Administração Geral das Estradas e Turismo, os apontadores de 2.ª classe da mesma Administração Geral, os jornaleiros classificados nos termos da lei n.º 50, de 15 de Julho de 1913, os funcionários civis adidos e os sargentos classificados para empregos públicos ou antigos combatentes da Grande Guerra, no serviço activo ou reformados, que reúnam as seguintes condições:

- 1.ª No ter mais de 40 anos de idade;
- 2.ª Ter bom comportamento;
- 3.ª Ter suficiente robustez para o serviço, sendo esta comprovada por junta médica.

Art. 2.º As vagas existentes e as que se derem até 31 de Dezembro de 1925 serão preenchidas pelos candidatos considerados como admitidos, pela ordem de classificação obtida, que será publicada no *Diário do Governo*.

Art. 3.º Fica revogada a legislação em contrário.

O Ministro do Comércio e Comunicações assim o tenha entendido e faça executar. Paços do Governo da República, 5 de Junho de 1925.— MANUEL TEIXEIRA GOMES — *Frederico António Ferreira de Simas*.

Administração Geral dos Correios e Telégrafos

Direcção dos Serviços de Exploração Postal

1.ª Divisão

Portaria n.º 4:417

Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministro do Comércio e Comunicações, que seja isenta de franquia toda a correspondência que a Associação dos Escritores e Jornalistas Portugueses, com sede em Lisboa, houver de expedir por intermédio do correio, relativa ao Congresso Nacional da Imprensa, a qual transitará aberta, terminando a isenção com a realização do referido Congresso.

Paços do Governo da República, 5 de Junho de 1925.— O Ministro do Comércio e Comunicações, *Frederico António Ferreira de Simas*.

MINISTÉRIO DA INSTRUÇÃO PÚBLICA

Inspecção Geral dos Teatros

Por ter saído com inexactidões, novamente se publica o decreto n.º 10:798, inserido no *Diário do Governo* n.º 116, 1.ª série, de 27 de Maio último:

Decreto n.º 10:798

Convindo regulamentar o disposto nos §§ 8.º e 9.º do artigo 2.º da lei n.º 1:633, de 17 de Julho de 1924;

Usando da faculdade que me confere o n.º 4.º do artigo 47.º da Constituição Política da República Portuguesa:

Hoi por bem, sob proposta do Ministro da Instrução Pública, decretar o seguinte:

Artigo 1.º Consideram-se artistas dramáticos, para o efeito do disposto no § 9.º do artigo 2.º da lei n.º 1:633, de 17 de Julho de 1924, todos os indivíduos, nacionais ou estrangeiros, que se exibam em espectáculos públicos, representando, cantando, executando pantomimas, bailados ou peças histriónicas congêneres, quer se apresentem isoladamente, quer em conjunto com outros artistas.

§ 1.º São isentos da obrigação de apresentação de licença e do pagamento da respectiva taxa:

- a) Os indivíduos não profissionais, quando se exibam em espectáculos singulares para fins de beneficência;
- b) Os pontos e contra-regras das companhias organizadas, quando não representem qualquer papel, por pequeno que seja;
- c) Os figurantes e coristas, quando se limitem a figurar, a cantar em côro ou a executar em conjunto, no decurso de qualquer peça, evoluções coreográficas.

§ 2.º Aos artistas estrangeiros, de qualquer género, não compreendendo os de ópera, é exigida a licença e o pagamento da respectiva taxa, quando se exibam em teatros públicos, em mais de dez espectáculos, salvo em consequência de contratos confirmados pelo Governo, anteriormente à publicação do presente decreto.

Art. 2.º Consideram-se, para todos os efeitos legais, e designadamente para os deste decreto, do decreto n.º 10:170, de 8 de Outubro de 1924, e para os fins expressos nos artigos 594.º, 595.º e 596.º do Código Civil Português, como teatros públicos, de entrada paga, os clubes, casinos, *music-halls*, *dancings*, salões, cafés-concertos e congêneres, e as sociedades dramáticas onde se exibam artistas profissionais cantando, dançando, representando ou mimando, individualmente ou em conjunto.

§ único. Os proprietários ou empresários de todas as casas ou recintos de espectáculos a que se refere este artigo ficam sujeitos ao cumprimento da obrigação expressa nos artigos 3.º e 4.º do decreto n.º 10:573, de 26 de Fevereiro do ano corrente, devendo apresentar o respectivo requerimento à Inspecção Geral dos Teatros no prazo de quinze dias, a contar da presente data.

Art. 3.º Enquanto não se criar um teatro de ópera nacional ou não se constituir qualquer companhia permanente de ópera lírica portuguesa, não serão exigidos aos artistas cantores de ópera, para quo lhes seja passada a licença a que se refere a lei n.º 1:633, nem o curso de canto do Conservatório Nacional de Música, nem o certificado de qualquer exame análogo ao que foi exigido para os artistas dramáticos pelo decreto n.º 9:764, de 4 de Junho de 1924.

§ único. A licença passada a estes indivíduos, na qual será averbada a qualidade de artista lírico, não será válida senão para espectáculos de ópera lírica, para operetas excepcionalmente cantadas por companhias de ópera, ou para concertos onde se executem trechos de belo canto, devendo ser cassada e declarada sem efeito

quando o portador se exhiba em género para que não foi autorizado.

Art. 4.º Igual dispensa à consignada no artigo anterior é concedida às bailarinas, bailarinos, actores de pantomima ou artistas de variedades que se apresentem em números isolados (cançonetistas, coupletistas, *tonadilleras*, *clowns*, excêntricos musicais e congêneres).

§ único. A licença passada a estes indivíduos, na qual será averbada a qualidade de artista de variedades, só será válida para espectáculos deste género, devendo ser cassada e declarada sem efeito quando o portador se exhiba em género diferente daquele para que foi autorizado.

Art. 5.º Nenhum artista é obrigado, em caso algum, a pagar mais do que uma taxa de licença, devendo aos artistas autorizados para o género lírico ou de variedades, quando se encontrem em condições legais de exercer a profissão de artista dramático, e assim o requeiram, ser reformado o respectivo documento de licença, que passará a mencionar apenas a qualidade de artista dramático.

§ único. Os indivíduos a quem fôr concedida licença de artistas dramáticos ficam implicitamente autorizados a exhibir-se no género lírico ou de variedades.

Art. 6.º Se algum dos indivíduos a quem, nos termos das alíneas do § 1.º do artigo 1.º do presente decreto, é

dispensada a licença de representar qualquer papel ou se exhibir em género ou em condições que tornem a licença obrigatória, e bem assim se algum artista de ópera lírica ou de variedades, a que se referem os artigos 3.º e 4.º, se apresentar em público em género diferente daquele para que foi autorizado, será por esse facto responsabilizado o empresário do teatro ou recinto de espectáculos em que se der a infracção.

§ único. Os indivíduos que se exhibirem em espectáculos públicos sem a respectiva licença, nos casos em que ela é obrigatória, serão proibidos de tomar parte em quaisquer espectáculos por um prazo de três meses a um ano, mediante processo organizado na Inspeção Geral dos Teatros.

Art. 7.º Ficarão sujeitos ao pagamento da taxa fixada no § 8.º do artigo 2.º da lei n.º 1:633 todos os processos de reclamação, que serão sempre instruídos e organizados na Inspeção Geral dos Teatros, sobre queixas apresentadas, quer à referida Inspeção quer às autoridades administrativas, acerca de conflitos suscitados entre entidades interessadas na indústria do teatro.

Art. 8.º Fica revogada a legislação em contrário.

O Ministro da Instrução Pública assim o tenha entendido e faça executar. Paços do Governo da República, 27 de Maio de 1925.—MANUEL TEIXEIRA GOMES — *Rodolfo Xavier da Silva*.